

Cientistas pedem à ONU que faça convênio para proibir armas químicas

Campinas — Os 137 cientistas de mais de 40 países que participam em Campinas da 35ª Reunião Internacional do Movimento Pugwash vão recomendar às Nações Unidas a celebração de um convênio que não só proíba a produção de armas químicas como promova a destruição dos estoques existentes em todo o mundo. (Pugwash é o nome de uma cidade no Canadá, onde nasceu o movimento).

Essa é a conclusão preliminar do grupo de trabalho que está discutindo a política de armamentos convencionais e não convencionais, tema que inclui ainda a guerra química e o projeto "Guerra nas Estrelas".

O médico e general egípcio da reserva Esmat Ezz, professor de toxicologia da Universidade de Alexandria, advertiu ontem que o mundo não está livre de uma "catástrofe incontrolada" provocada pelo uso eventual de armas químicas.

Lembrou que a Convenção de Genebra veta o uso dessas armas nos conflitos bélicos, não estabelecendo, contudo, proibição formal nem sanções severas ao país infrator. Além disso, existe um grande arsenal dessas armas em todo o mundo que escapa ao controle dos organismos internacionais. Os especialistas do Movimento Pugwash estimam que esses arsenais são significativos, desconhecendo sua real extensão porque os países mantêm segredo a respeito. Com base em dados oficiosos, o professor Esmat Ezz revelou que somente nos EUA existe um estoque de 50 mil toneladas de armas químicas.

— Apenas um miligrama é suficiente para matar uma pessoa em poucos minutos, mas o uso de armas químicas pode gerar uma catástrofe incontrolável de efeitos imprevisíveis. As armas químicas não liquidam só as pessoas, mas também os animais, a vegetação e todos os alimentos, contaminam a água e o ar e têm um efeito residual por muito tempo — alertou o professor, que integrou a comissão de especialistas da ONU que investigou recentemente as acusações de guerra química no Afeganistão, Camboja e Laos.

Segunda-feira será divulgado o documento oficial com as conclusões finais da Reunião. Todos os relatórios serão encaminhados à Organização das Nações Unidas e distribuídos para os governos dos países representados. Esta é a primeira vez que o conselho do Movimento Pugwash reúne-se no hemisfério sul e a segunda reunião em um país do Terceiro Mundo.

Para o professor Ubiratan D'Ambrosio, da Unicamp e coordenador do encontro, o fato de cientistas internacionais se reunirem no Brasil obrigará o governo brasileiro a adotar "posições mais claras sobre as questões da paz e do desarmamento, principalmente sobre os conflitos e problemas mais próximos do Brasil, como os movimentos armados da América Central e a militarização do Atlântico Sul", temas estes discutidos na Reunião.